

As ferramentas perdidas da educação: tradução comentada [parte 2]

The lost tools of learning: a commented translation [part 2]

Las herramientas perdidas de la educación: la traducción anotada [parte 2]

Gabriele Greggersen

RESUMO

Na segunda parte de sua proposta para a educação no período do pós-guerra europeu, Dorothy Sayers apresenta as três partes do “Trivium”. Embora elas tenham se perdido ao longo da história, elas podem ser resgatadas e adaptadas ao contexto atual. A autora encerra com uma chamada para o retorno à “velha disciplina” que se tornou tão rara nas escolas, cada vez mais dominadas pelos conteúdos e o desenvolvimento das mais variadas “competências” e “habilidades,” sem o devido preparo para tal.

Palavras-chave: Trivium; dialética; gramática; retórica

ABSTRACT

In the second part of her proposal for the education during the European post-war period, Dorothy Sayers presents the three parts of the “Trivium”. Although they have been lost throughout history, they may be recovered and adapted to the current context. The author concludes with a call for a return to “old discipline” which has become so rare in schools, increasingly dominated by overloaded contents, and the development of the most varied “competences” and “skills”, without a corresponding preparation for it.

Key-words: Trivium; dialectic; grammar; rhetoric.

RESUMEN

En la segunda parte de su propuesta para la educación durante el período de posguerra, Dorothy Sayers presenta las tres partes del “Trivium”. A pesar de que se han perdido en toda la historia, podrán ser recuperadas y adaptadas al contexto actual. La autora concluye con un llamado para que se vuelva a la “antigua disciplina” que se ha hecho tan rara en las escuelas, cada vez más dominadas por sobrecargas de contenido, y por el desarrollo de las más variadas “competencias” y “aptitudes”, sin la respectiva preparación.

Palabras clave: Trivium; dialéctica; gramática; retórica.

Introdução

Uma aproximação entre o currículo das artes liberais originárias na Antiguidade e resgatadas na Idade Média e no período da Reforma parece ociosa e irrelevante no contexto educacional da atualidade. Entretanto, quando atentamos para a tarefa essencial da educação, que é a de preparo e formação do cidadão, independente da época e se partimos do pressuposto de uma natureza humana invariável em sua essência ao longo dos anos, seremos capazes de estabelecer certos valores e parâmetros universais para a educação. Esse parece ser o intento de todas as grandes iniciativas e grandes projetos educacionais como os da Educação para Todos das Nações Unidas¹. E se olharmos para tais projetos com atenção, não veremos grandes diferenças entre este e o grande projeto “pansófico” Comênio², do projeto dos *Great Books*³ americano ou em relação ao que os antigos e medievais entendiam por “artes Liberais”.

Nesse sentido, uma aproximação de uma proposta como essa, oriunda do período do pós-guerra europeu tem muito a contribuir para a educação brasileira, que, segundo entrevista recente da educadora Edília Coelho Garcia, presidente honorária da ABE (Associação Brasileira de Educação) com vasta experiência na educação e participação ativa de suas políticas, “vai mal”. E explica:

Estamos diante de um descompasso entre os muitos avanços que estão acontecendo em diversas áreas e a morosidade com que a educação do país tenta atingir patamares ideais. Tenho lido e acompanhado notícias de que existe uma grande insatisfação entre educadores, pedagogos, jornalistas, empresários e mesmo entre alguns políticos, em relação à educação básica, cujos problemas passaram a ser uma preocupação geral. Também as crianças e adolescentes vêm revelando seu total despreço ao ensino formal oferecido pelas escolas. Essa constatação pode ser verificada pelos índices de reprovação, de repetência e de dependência. Muitos estudantes estão até fugindo da escola, agredindo professores ou levam muito mais tempo do que o desejável para concluir uma série ou um curso... O volume

¹ A “Conferência da Educação para todos”, da qual o Brasil participou, aconteceu em 1990, na Tailândia, convocada pela PNUD, UNESCO, UNICEF e BANCO MUNDIAL, na qual se chegou a posições consensuais para um programa sintetizado na Declaração Mundial de Educação para Todos, que serviu de base para os Planos Decenais de Educação para os países mais populosos do mundo, entre os quais se conta o Brasil. Vide site da Unicef no Brasil, disponível em <http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10230.htm>. Acesso em 19.09.2010.

² Conf. Edição especial da revista Nova Escola. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/pai-didatica-moderna-423273.shtml>>. Acesso em 19.09.2010.

³ Conf. Site disponível em <<http://www.thegreatideas.org/greatbooks.html>>. Acesso em 19.09.2010.

de informação existente hoje precisa ser aproveitado de maneira construtiva e o papel do professor é fundamental nessa tarefa, de modo a fazer com que os alunos possam compreender as informações que são pertinentes, no enorme volume a que têm acesso pela internet, tevê, celular e toda essa parafernália eletrônica. Volto a dizer que informação não é conhecimento e será com a ajuda do professor e de um novo método de ensino que os alunos adquirirão conhecimento consistente. Enquanto a sociedade civil não despertar de verdade para a importância de um povo educado e preparado para enfrentar os desafios que vislumbramos nesse século XXI, permaneceremos sendo apontados como o país que não atinge suas metas na educação. A missão da educação é a mesma, mas os desafios são outros. Os estudantes de hoje têm um novo perfil e os professores terão que mudar também. O desafio, hoje, é formar cidadãos conscientes de suas responsabilidades para com os outros e para com o planeta. Uma frase que muitos já me ouviram falar e que faço questão de repetir é que nossos governos adoram reinventar a roda, mas infelizmente ela fica sempre girando no mesmo lugar, dá a impressão que irá adiante, mas acaba voltando.⁴

Essa sensação de regresso no sistema é bem parecida com aquela à qual Sayers dá vazão na primeira parte do seu discurso, publicada na edição anterior dessa revista. Ela concorda igualmente que a “missão” da educação a que se refere a professora continua a mesma, ainda que os desafios sejam novos.

Entretanto, ao invés de sugerir uma “metodologia nova” Sayers sugere o resgate de metodologias que se provaram eficientes em outros tempos, o que seria uma forma prática e concreta de evitar a “reinvenção da roda” na educação. Tal “resgate” ou nova tradução, revista e corrigida de uma filosofia de trabalho, faz do currículo das artes liberais, um “clássico” da educação, equivalente àqueles da literatura.

Ao invés de uma reinvenção da roda, ela propõem uma “volta atrás no tempo”, como uma maneira de voltar atrás em “erros históricos” cometidos com o esquecimento das “ferramentas básicas” da educação.

Mais do que um ensaio crítico, Sayers propõe todo um programa de um exercício dos músculos da razão, não divorciada, mas *associada* à imaginação, esta última tantas vezes atrofiada pelo sedentarismo imaginativo e seu oposto, a *overdose fantasiosa*, a que somos submetidos diariamente pela mídia. Deixemos, então, a palavra à autora e dediquemo-nos à apreciação de sua proposta, que muito têm a dizer aos educadores de um país em processo de extensão da escolaridade de oito para nove anos.

⁴ Entrevista dada à Folha Dirigida, disponível em <<http://edsonokubo.blogspot.com/2010/09/educacao-brasileira-vai-mal.html>>. Acesso em 19.09.2010.

Que Fazer?

E então, fazer o quê? Não podemos regressar à Idade Média. Esta é uma queixa à qual já nos acostumamos. Não podemos voltar atrás – ou será que podemos? *Distinguo!* Vamos definir cada uma das partes dessa proposição. A parte “voltar atrás” significa voltar *no tempo*, ou voltar atrás em *um erro*? A primeira é claramente impossível ‘*per se*’; a segunda é algo que pessoas dotadas de sabedoria fazem o tempo todo. E a primeira parte, “não podemos”, significa que o nosso comportamento está irreversivelmente determinado, ou apenas, que seria muito difícil de acontecer, em vista das críticas que provocaria? O século vinte obviamente não é e nem pode ser igual ao século catorze; mas se a “Idade Média”, neste contexto, for tratada simplesmente como uma expressão dantesca, que denota uma teoria educacional particular, então não se teria, *a priori*, nenhuma razão porque não devêssemos “voltar” a isso - com as devidas adaptações. Por exemplo, já “voltamos”, com adaptações, para a idéia de apresentar peças de Shakespeare da forma como ele as escreveu, e não, nas versões “modernizadas” de Cibber e Garrick⁵, que estrelaram como “última geração” do progresso teatral.

Vamos então brincar um pouco com a idéia de que tal *regresso progressivo* fosse possível. Expurguemos completamente todas as autoridades educacionais da história, e imaginemos uma bela escolinha de meninos e meninas, que pudéssemos equipar para o debate intelectual, ao longo de leituras selecionadas a dedo. Nós os dotaríamos de pais excepcionalmente dóceis; recrutaríamos para a equipe da nossa escola professores e mestres perfeitamente familiarizados com o método e o objetivo do *Trivium*. Nossa escola teria instalações físicas tais, que possibilitassem turmas pequenas o bastante para permitir uma atenção apropriada; e exigiremos uma Banca de Examinadores desejosos e qualificados para testar os produtos que lhes apresentarmos. Assim preparados tentaremos delinear um programa - um *Trivium* moderno, “com adaptações”, e vejamos no que vai dar.

Mas antes de tudo: com que idade as crianças deveriam ingressar? Bem, se as educarmos para lerem as “novelas” dos tempos modernos, certamente elas teriam mais a *desaprender*; além disso, nunca é tarde para começar uma boa coisa, e o *Trivium*, por sua natureza não é um *aprendizado*, mas uma *preparação* para o aprendizado. A ordem, então, é: “fisgá-las em idade tenra”, não exigindo delas nada mais do que a capacidade de ler, de escrever e contar.

Admito que minhas idéias sobre a psicologia infantil não são nem ortodoxas, nem iluminadas. Olhando para o meu próprio passado (uma vez que eu mesma sou a criança que melhor conheço e a única, que eu

⁵ Dois autores que fizeram adaptações de peças de Shakespeare no século XVIII.

posso pretender conhecer por dentro), consigo vislumbrar três estágios de desenvolvimento. Designarei os mesmos, de maneira ainda bastante embrionária, de estágio do “Papagaio”, do “Arrogante” e do “Poeta” - este último coincidindo, aproximadamente, com a fase da puberdade. O estágio do “Papagaio” é aquele em que se tem mais facilidade em decorar e, de uma maneira geral, isso é mais prazeroso; enquanto que o raciocínio é ainda difícil e, de uma maneira geral, pouco prazeroso. Nessa idade, memorizamos com facilidade as formas e as aparências das coisas; gostamos de recitar os números das placas de carros; divertimo-nos com rimas e ruídos guturais de polissílabos ininteligíveis; apreciamos o simples acúmulo de coisas, enquanto o raciocínio é penoso e pouco apreciado.

A idade do “Arrogante”, que se segue (e, naturalmente, sobrepe-se por algum tempo ao anterior), caracteriza-se pelo gosto pela objeção, por revidar os outros, e “descobrir defeitos neles” (especialmente nos “mais velhos”); além de propor charadas. Seu poder de irritação é extremamente alto. Em geral esse potencial se ameniza no nível escolar médio.

O estágio do “Poeta” é popularmente conhecido como a idade “difícil”. Nele o indivíduo se torna introvertido, tem forte necessidade de se expressar; torna-se, de certa forma, especialista em figurar como o *incompreendido*; é incansável e procura sempre alcançar independência; e, se tiver sorte e um bom encaminhamento, deve dar os primeiros sinais de criatividade. Trata-se de uma fase de busca por uma síntese do que já se sabe, e uma ânsia deliberada de conhecer o mundo e fazer alguma coisa para torná-lo melhor, em detrimento de tudo mais.

Agora, parece-me que o esquema do *Trivium* se encaixa de forma singular a estas três idades: a Gramática, para a idade do “Papagaio”; a Dialética, para a idade do “Arrogante”; e a Retórica para a idade do “Poeta”.

O Estágio da Gramática

Vamos começar, então, pela Gramática. Na prática, estamos nos referindo à gramática de uma língua específica; mas precisa ser um idioma que tenha declinações. A estrutura gramatical de um idioma sem declinações é analítica demais para ser tratada por alguém desprovido uma prática prévia em Dialética. Sem falar que as línguas com declinações traduzem bem aquelas sem declinações, enquanto que as que não têm declinações são de pouco proveito para a tradução daquelas que têm. Direi logo de uma vez, e com firmeza, que não há melhor fundamento para a educação, do que a gramática latina. Digo isso, não porque o Latim seja *tradicional e medieval*, mas simplesmente porque até o conhecimento de rudimentos do Latim pode reduzir ao menos pela metade o trabalho e as dores da aprendizagem de quase qualquer outra coisa. Ele é a chave para o vocabulário e para a estrutura de todos os idiomas

teutônicos⁶, bem como, para o vocabulário técnico de todas as ciências, sem falar da literatura de toda civilização mediterrânea, incluindo todos os seus documentos históricos.

Aqueles cuja preferência pedante por uma linguagem viva os persuade a privar seus alunos de todas essas vantagens poderão substituí-lo pelo Russo, cuja gramática é ainda mais primitiva do que a do Latim. É claro que o Russo é útil para o aprendizado dos demais dialetos Eslovos. Mas há algo a ser dito também em favor do Grego Clássico. No entanto, dou preferência ao Latim. Depois de ter satisfeito aos classicistas entre vocês, passarei agora a horrorizá-los, acrescentando que não considero sábio ou necessário amarrar o pupilo comum, o aluno médio, ao “tronco da era da Casa Grande e Senzala”⁷, com suas formas de verso e oratória tão artificiais e elaboradas. O Latim Pós-Clássico e medieval, que se manteve língua viva até fins da Renascença, é mais fácil e, sob alguns aspectos, mais vivo; seu estudo ajuda a dissolver a noção muito disseminada, de que a prática do estudo e a literatura tiveram um fim abrupto por ocasião do nascimento de Cristo e somente foram reanimados quando da invasão dos Mosteiros.⁸

Deve-se ensinar o latim o mais cedo possível - num estágio em que a língua dotada de declinações parece não espantar mais, do que qualquer outro fenômeno em um mundo que causa constante espanto; e em que cantarolar “*Amo, amas, amat*” é tão ritualisticamente encantador para os sentimentos, quanto cantarolar “Eu amo, tu amas, ele ama...”.⁹ Nessa idade, é claro que é preciso exercitar a mente para outras coisas, além da gramática latina. A capacidade de *observação* e a *memória* são as faculdades mais vivas naquele estágio; e se quisermos

⁶ De acordo com o Houaiss (1999, 795) Teutônico é língua germânica (antiga), ou seja, o alemão.

⁷ A expressão usada no original é “procrustean bed of Augustan Age”, o que significa a cama de torturas da época chamada de Augustan, entre o séc. XVII e XVIII em que a Europa primava em autores originais e tradutores como John Dryden, William Caxton e Geoffrey Chaucer, entre outros. De acordo com a lenda os baixinhos que eram presos nessa cama, eram esticados e os mais altos, encolhidos. Para preservar esse significado, adaptamos a tradução ao contexto brasileiro.

⁸ Essa noção equivocada de Idade Média como “Idade das Trevas” e o sentido pejorativo que costuma ser atrelado ao adjetivo “medieval”, vem da “Idade das Luzes”, ou iluminista. Essa leitura etnocêntrica e anacrônica de um período de aproximadamente mil anos da história do mundo ocidental, a que devemos várias descobertas importantes para a formação do saber científico, foi refutada por especialistas e estudiosos da cultura medieval como Henri Marrou e Étienne Gilson. Infelizmente, a atitude preconceituosa e reducionista em relação a essa fase ainda é predominante no ensino de história praticado nas escolas brasileiras.

⁹ A canção original é “eeny, meeny, miney, moe”, uma cantiga infantil bastante popular em países da língua Inglesa.

aprender alguma língua estrangeira contemporânea, devemos começar logo, antes que os músculos faciais e mentais se tornem rebelde demais a sons estranhos. O Francês ou o Alemão falados podem ser praticados lado a lado com a disciplina gramatical do Latim.

Enquanto isso, o inglês em prosa e verso, poderá ser ‘decorado’ e a memória do aluno deverá ser alimentada com um bom estoque de histórias de todos os gêneros - mitos clássicos, lendas européias, e assim por diante¹⁰. Não acredito que as histórias clássicas e obras primas da literatura antiga devessem ser as cobaias da prática de técnicas gramaticais - essa foi um dos equívocos da educação medieval, que não necessitamos perpetuar. As histórias devem ser apreciadas e relembradas em inglês, associadas às suas origens, num estágio subsequente. A recitação em voz alta deve ser praticada, individualmente ou em grupo; pois não podemos esquecer que estamos lançando os alicerces para o desenvolvimento do senso crítico e da Retórica.

A gramática da História¹¹ deve, penso eu, consistir em datas, eventos, anedotas, e personagens históricos. Ter um conjunto de datas à disposição, nas quais fixar todo conhecimento histórico ulterior é de enorme ajuda mais para frente, para o estabelecimento da perspectiva histórica. Não importa muito *quais* sejam essas datas: a dos Reis da Inglaterra servirá desde que sejam acompanhadas de imagens¹² que retratem o vestuário, da arquitetura e outras figuras do cotidiano da época, de forma que a simples menção de uma data remeta a uma apresentação visual bem marcante de todo o período.

¹⁰ No Brasil, em que não há uma tradição de “contação de histórias” forte como o país dos irmãos Grimm, ou de Andersen, entre outros. Infelizmente, o legado de autores brasileiros que, sem dúvida, contribuíram enormemente para esse patrimônio cultural da humanidade, tais como Monteiro Lobato, Malba Tahan, entre outros, está ameaçado. Mas já existe uma tradição de pesquisadores brasileiros trabalhando em prol de seu resgate, nos campos das letras e da educação.

¹¹ Essa expressão é espantosa para o leitor brasileiro, principalmente para aquele que tem horror da história, precisamente por seu excesso de datas, eventos e personagens que normalmente se exige que se decore. Entretanto, a proposta formulada por Sayers permite repensar o conceito de *decorar*, que na verdade é significar saber alguma coisa “de coração”, e também da própria história, que pode, ela mesma, ser vista como uma *linguagem*, que, portanto, também terá a sua gramática. Ela, portanto, deverá seguir regras, mas que variam de cultura para cultura, o que desmistifica e relativiza o determinismo histórico. O mesmo acontece com a geografia, a ciência e até a matemática e eventualmente, a teologia, como veremos mais adiante.

¹² O leitor que ainda não se convenceu da atualidade da proposta de Sayers, ficará surpreso com esse detalhe da proposta. O ensino deve vir acompanhado de imagens. Mas não quaisquer imagens, como em alguns projetos de *educação mediada por computadores*, que acabam exagerando o volume e qualidade que as imagens devem ter. As imagens devem, antes, vir do *cotidiano*, idéia já defendida anteriormente por Comênio, mas que tem seus representantes modernos como Hannah Arendt e Philippe Ariès.

A Geografia, semelhantemente deverá ser apresentada em seu aspecto relativo aos fatos, com mapas, características naturais, e apresentação visual dos costumes, trajes, flora, fauna, e assim por diante; e tenho para mim que a velha e suspeita *memorização* de algumas cidades, rios, cordilheiras, etc., não faz mal a ninguém. E por que não também encorajar o hábito de colecionar de selos?¹³

No período do “Papagaio”, a ciência se organiza de maneira mais fácil e natural em torno de classificações - a identificação e nomeação de espécies e, de uma maneira geral, o tipo de coisa que se costuma chamar de “filosofia natural”. Conhecer o nome e propriedades das coisas nesse estágio representa uma satisfação em si: ser capaz de identificar um besouro à primeira vista¹⁴ no jardim e de garantir aos mais velhos ignorantes que, apesar de sua aparência, ele não pica; ser capaz de identificar uma Cassiopéia e a Plêiades¹⁵, e quem sabe até saber *quem foram* Cassiopéia e Plêiades; estar ciente de que uma baleia é diferente de um peixe, e um morcego é diferente de um pássaro - todas estas coisas dão uma agradável sensação de superioridade; enquanto saber diferenciar uma cobra coral de uma víbora comum ou um fungo comestível de um venenoso é uma espécie de conhecimento que tem também seu valor prático.

A gramática da Matemática começa, é claro, pela tabuada, que, se não for aprendida já, nunca mais o será de maneira prazerosa; sem falar do reconhecimento de formas geométricas e conjuntos de números. Esses exercícios conduzem naturalmente à realização de somas aritméticas simples. Os processos matemáticos mais complexos poderão e talvez devessem ser postergados, por razões que apresentaremos agora.

Até aqui (exceto pelo Latim, é claro), nosso currículo não tem nada que se distancie muito da prática comum [nos países de fala inglesa]. A diferença deverá ser percebida pela *atitude* dos professores, que devem encarar todas estas atividades não como “conteúdos” em si, mas antes, como uma série de recursos essenciais que podem ser aproveitados na próxima etapa do *Trivium*. O tipo de recurso não vem muito ao caso; trata-se antes de tudo aquilo que venha a ser útil para facilitar a memorização, ao longo desse período, seja coisa imediatamente inteligível ou não. A tendência moderna é de tentar infligir explicações racionais à mente da criança, desde a mais tenra idade. É claro que perguntas inteligentes, que surjam de forma espontânea, devem ser pronta e racionalmente respondidas; mas é um grande erro supor que uma criança

¹³ Vemos aqui novamente, a importância que a autora dá a uma educação dotada de recursos imagéticos.

¹⁴ “*Devil’s coach-horse*”, usado no original, foi o nome que deram a uma espécie de “besouro de jardim”. Por sua aparência escura e alongada, muitos têm medo do bicho.

¹⁵ Formação estelar que se encontra na constelação touro, popularmente conhecida como as “sete irmãs”. Já a *Cassiopeia A* foi o nome dado aos restos de uma estrela que explodiu/implodiu há 330 anos.

não seja capaz de apreciar e lembrar-se de coisas que estão além do seu poder de análise - particularmente se todas aquelas que têm forte apelo imaginativo (como, por exemplo, “Kubla Kahn”)¹⁶, uma rima interessante (como algumas das rimas para memorização do gênero *latino*), ou uma rica série de polissílabas ressoantes (como “Quicunque vult”¹⁷). Isso me faz lembrar outra gramática: a da Teologia. Devo acrescentá-la ao currículo, porque a Teologia¹⁸ é a ciência-mestra, sem a qual toda a estrutura educacional ficará necessariamente desprovida de sua síntese final. Quem discorda desse ponto, terá que contentar-se com uma educação solta, cheia de indefinições para seus alunos. Isso parece já não ter tanta importância quanto deveria, já que, nos tempos em que as ferramentas de estudo da educação foram forjadas, o estudante ainda era capaz de lidar com a Teologia por si mesmo, e provavelmente insistia nisso, porque fazia sentido para ele. Mesmo hoje seria bom estarmos preparados para esse debate, de forma racional¹⁹. No estágio gramatical,

¹⁶ Kubla Kahn significa “Uma Visão num Sonho”, poema escrito por Samuel Taylor Coleridge, um autor que é uma referência para quem estuda tudo o que está ligado ao imaginário, entre 1797 e 1798 e publicado no início do século seguinte.

¹⁷ “Quicunque Vult” são as palavras iniciais do “Credo de Santo Atanásio”, que às vezes eram usadas para referir esse tratado teológico do Período Medieval, acerca da trindade.

¹⁸ O ensino religioso nas escolas, que hoje é obrigatório nas escolas, já causou grande polêmica nos currículos escolares do Brasil, resultaram em alguns estados, não apenas em um caos, dada a falta de professores preparados nessa área, ficando ele a cargo muitas vezes de professores de outras áreas pouco relacionadas, mas também em um desnortamento da disciplina, ora reduzida ao ensino da história das religiões e do atual pluralismo religioso, ora abalada por projetos de lei que proíbem o uso de símbolos religiosos nas escolas públicas, já que a legislação específica a respeito fica a cargo dos sistemas regionais. Segundo Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB N° 9394/96): “Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. (Redação dada pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997) § 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores. § 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso. (LDBEN, 1996).” Um artigo que esclarece muito o assunto está disponível em <<http://www.gper.com.br/noticias/bbe24652282cb8c2218a0bde4ea8d49e.pdf>>. Acesso em 20.09.2010.

¹⁹ De acordo com amigo e colega de Sayers, C.S. Lewis, *razão e imaginação* são dois “órgãos dos sentidos” humanos, que precisam estar em equilíbrio entre si, mas também com todo o resto do corpo. Enquanto a razão é o órgão da *verdade*, e imaginação é o órgão do *sentido*, ou seja, da nossa habilidade de interpretação. Neste sentido, podemos considerar Lewis um importante precursor da psicanálise, que hoje, estuda os sonhos e imaginário a fundo. Mas essa idéia também se tornou um ponto-chave da filosofia, principalmente da fenomenologia, como a de Paul Ricoeur. Conf. obra: “Faith and Imagination” de Schakel. Disponível em <<http://hope.edu/academic/english/schakel/tillwehavefaces/contents.htm>>. Acesso em 28.03.2010.

portanto, devemos nos familiarizar com um panorama da história de *Deus e o Mundo* - isto é, incluindo o Antigo e o Novo Testamento, que seja apresentado como parte de uma narrativa singular da *Criação*, *Queda*, e *Redenção* – da mesma forma que o *Credo*, o *Pai Nosso*, e os *Dez Mandamentos*. Neste estágio inicial, o que importa não é que estas coisas sejam compreendidas por inteiro, mas que elas sejam conhecidas e lembradas.

O estágio da lógica

É difícil dizer, com precisão, com que idade a criança deve passar da primeira para a segunda etapa do *Trivium*. De uma maneira geral, a resposta é: assim que ela se mostrar pronta para debates “arrojados” e perenes. Pois, da mesma forma que as faculdades predominantes na primeira parte são a *observação* e a *memória*; na segunda parte, a faculdade predominante é a *razão discursiva*. Na primeira fase, o exercício ao qual todo o restante do material esteve, por assim dizer, atrelado era o da *Gramática Latina*; na segunda, o exercício chave será o da *Lógica Formal*. É aqui que o nosso currículo apresenta sua primeira divergência acentuada em relação aos padrões modernos. A perda de reputação da Lógica Formal não tem justificativa; e a negligência com relação a ela está na raiz de quase todos os sintomas preocupantes que notamos na constituição da intelectualidade moderna. A Lógica tem sido desacreditada, em parte, porque passamos a supor que somos quase que totalmente condicionados pelo inconsciente e pela intuição. Não há tempo aqui para discutirmos se isso é verdade ou não; minha constatação é que a preparação apropriada da razão é, com certeza, a melhor forma possível de torná-la verdade. Outra causa do estado de desgraça em que a Lógica caiu é a crença de que ela seja inteiramente baseada em pressuposições universais que costumam ser ou *improváveis* ou *redundantes*. Isto não é verdade. Nem todas as proposições são desse tipo. Mas mesmo se fossem, não faria diferença, já que todo silogismo que parte de uma premissa do tipo “Todo ‘A’ é ‘B’” pode ser reapresentado de forma hipotética²⁰. A lógica é a arte da arguição correta: “Se ‘A’, então ‘B’”. O método não se valida pela natureza hipotética de ‘A’. Na verdade, a utilidade prática da Lógica Formal hoje não está tanto no estabelecimento de conclusões positivas, mas antes na detecção imediata e exposição de inferências inválidas. Revisemos agora esses recursos rapidamente e vejamos, em que medida eles estão relacionados à Dialética. Quanto à Linguagem, a essas alturas devemos ter alcançado certo domínio sobre o vocabulário e morfologia; daqui para frente poderemos então nos concentrar na sintaxe, na análise (por exemplo, na construção lógica do pronunciamento) e na história da

²⁰ A forma hipotética seria: “Se todo A é B...” ou “Na hipótese de todo A ser B”... Essa distinção é uma das mais raras nos cursos de pós-graduação, até mesmo nas disciplinas ditas de “Metodologia científica”.

linguagem (por exemplo, como é que viemos a organizar a nossa língua da forma como o fizemos, a fim de expressar nossas idéias).

Nossas leituras progredirão da narrativa e do lirismo para ensaios, que envolvam debate e crítica; e o aluno aprenderá a aventurar-se em escrever esse tipo texto. Independente do assunto a maioria das lições terão a forma de debate; e ao invés de exposições individuais ou em grupo, elas serão apresentadas na forma dramática, com atenção especial para peças em que o debate seja apresentado de forma dramática.

A Matemática - a álgebra, a geometria e os mais avançados tipos de aritmética - entrarão no currículo agora e terão seu lugar pelo que são de fato: não “matérias” separadas, mas parte de um sub-departamento da Lógica. Trata-se, nada mais nada menos, das leis do silogismo, em sua aplicação particular a números e medidas; e é assim que deveria ser ensinada, ao invés de representar, para uns, um grande mistério; e, para outros, revelação especial, que iluminasse, ou fosse iluminada por qualquer outra parte do conhecimento.

A História, auxiliada por um sistema simples de ética derivado da gramática teológica, proverá muito material apropriado para discussão: Será que o comportamento de determinado estadista teve justificativa? Qual foi o efeito da promulgação daquela lei? Quais são os argumentos pró e contra esta ou aquela forma de governo? Alcançaremos, assim, uma bela introdução à história constitucional - um assunto que não tem qualquer significado para crianças pequenas, mas que é de interesse absorvente para aquelas que foram preparadas para arguir e debater. A própria Teologia fornecerá alimento para discussões de cunho moral ou de comportamento; e se o seu escopo fosse estendido por um curso básico de teologia dogmática (por exemplo, em torno da estrutura racional do pensamento Cristão), que esclareça as relações entre dogma e ética, que levem a princípios éticos aplicáveis a situações particulares, o que se costuma chamar de casuística. A Ciência e a Geografia, semelhantemente, fornecerão material para a Dialética. Mas acima de tudo, não devemos negligenciar os recursos tão abundantes, da vida cotidiana do próprio aluno.

Em um trecho delicioso do livro de Leslie Paul intitulado “The Living Hedge” (A Cerca Viva), lemos a história de um grupo de garotos, que se divertiu por dias a fio, trocando idéias sobre uma pancada de chuva que caíra na sua cidade - uma chuva tão localizada que molhou só metade da rua principal, deixando a outra seca. Começaram então a discutir, se era possível alguém afirmar, com certeza que *sequer* havia chovido na rua, ou de passagem *pela* rua, ou numa *parte* da rua, naquele dia? Quantas gotas de água eram necessárias para se constituir em pancada de chuva? E por aí afora. O debate sobre o assunto os levou a aplicar o caso a situações

similares, a respeito do movimento e do repouso; do sono e da vigília; “ser” ou “não ser”, e da divisão infinitesimal do tempo. O trecho todo é um exemplo admirável do desenvolvimento espontâneo da faculdade de raciocínio e da sede natural e apropriada pelo despertar da razão, para a definição de termos e para a exatidão de enunciados. Eventos dessa natureza representam alimento constante para tal apetite.

A decisão de um juiz numa partida; o grau até onde alguém está transgredindo uma regulamentação, ou sendo vítima da *letra* da lei: em questões como estas as crianças costumam ser sofistas natas. É só desenvolver e treinar essa propensão natural - e o que é mais importante: ela deve ser familiarizada de maneira inteligível com os eventos do mundo adulto. Os jornais estão repletos de bom material para tais exercícios: decisões legais, por um lado, em casos onde o caso em questão não seja complicado demais; e por outro, seria possível citar inúmeros exemplos de raciocínio falacioso e argumentos confusos, nas colunas de opinião do leitor de certos periódicos.

Onde quer que se ache assunto para uma Dialética, não é preciso mencionar a extrema importância de se chamar a atenção para a beleza e parcimônia de uma demonstração exemplar ou de uma argumentação bem construída, do contrário, o debate venerável acabará extinto de vez. A crítica não deve ser meramente destrutiva; no entanto, professor e alunos, ambos devam estar simultaneamente preparados para detectar falácias, tendenciosidades, raciocínios descuidados, ambiguidades, irrelevâncias e redundâncias; devem caçá-las como a ratos. Quem sabe este seja um momento bem apropriado para se propor uma resenha; acompanhada de exercícios, como o de produção de um ensaio, e resumo do mesmo.

Sem dúvida haverá quem levante a objeção de que encorajar pessoas jovens na idade “Arrogante”, encarando, corrigindo e discutindo com os mais velhos, as tornará perfeitamente insuportáveis. Minha resposta a isso é que jovens nessa fase já são impossíveis de qualquer maneira; e que a sua capacidade natural de argumentação pode ser canalizada para um propósito positivo, e o resto pode ser deitado fora como areia entre os dedos. Na verdade, essas situações, quando ocorrem em casa, tornam-se bem mais suportáveis, se tiverem sido disciplinadas na escola; em todo caso, os adultos que abandonaram o princípio de que crianças devem ser vistas, mas não ouvidas, não têm ninguém para denunciar, a não ser a eles mesmos.

Digo e repito, nesse estágio não importa o conteúdo programado. Qualquer “assunto” oferecerá substrato suficiente para o debate; mas ele deve ser visto como nada mais, do que pasto a ser ruminado pela mente. Os alunos devem ser encorajados a buscar a sua própria informação; e então, devem ser orientados para o uso apropriado dos livros de referência

e das bibliotecas, e a aprender a reconhecer quais fontes são confiáveis e de excelência, e quais não.

O estágio da retórica

Perto do final do Estágio da Lógica, os alunos provavelmente começarão a descobrir por si mesmos, que o seu conhecimento e a sua experiência são insuficientes, e que a sua já versada inteligência necessita de muito mais pasto para ruminar. A imaginação - usualmente adormecida durante a idade do “Arrogante” – os despertará e os incitará a suspeitar das limitações da lógica e da razão. Isto significa que estão adentrando a idade do “Poeta” e que estão prontos para embarcar no estudo da Retórica.

As portas do seu armazém de conhecimento deve agora ser lançado abertas para eles a broto sobre as mesmas.

As portas do armazém do conhecimento devem agora ser-lhes escancaradas para se fartarem à vontade. Depois de aprendidas pela repetição, as coisas agora serão vistas em contextos novos; tudo aquilo, uma vez analisado friamente, poderá agora ser reunificado numa síntese inteiramente nova; aqui e ali uma percepção repentina trará à tona a mais arrebatadora de todas as descobertas: a consciência de que o que parecia verdade é verdade mesmo!

É difícil de mapear qualquer programa geral para o estudo da Retórica: é necessário que se mantenha certo grau de liberdade. No campo da literatura é necessário reconquistar o predomínio da apreciação à crítica destrutiva; e na escrita, pode-se dar curso livre à expressão, agora, com ajuda de ferramentas afiadas para ser “podada” de forma expurgada e na medida certa. Qualquer criança que apresente certa propensão para se especializar [em algum assunto] deve ter seu desejo realizado: pois uma vez que as ferramentas tenham sido aprendidas, de maneira justa e certa, elas estarão disponíveis para o estudo e aprendizado do que quer que seja. É bom, penso eu, que cada aluno aprenda a lidar muito bem com ao menos uma, ou duas delas, desde que tenha algumas aulas extras em matérias subsidiárias, de forma a manter a sua mente aberta ao inter-relacionamento²¹ de todos os campos do conhecimento. De fato, neste estágio, o difícil é manter as “disciplinas” *separadas* uma da outra; pois a Dialética terá mostrado serem todas “ramos” do aprendizado em interação, então a Retórica tenderá a mostrar que o conhecimento é um só. Essa demonstração e o porquê dela é a tarefa mais importante dessa ciência mestra.

²¹ Mais uma vez a autora aponta para o conceito moderno de *interdisciplinaridade*, que esteve muito em voga nos anos 80 e 90 no Brasil, mas, em alguns meios, o tema já foi deixado de lado, ou porque “saiu de moda”, por jamais ter sido compreendido, muito menos, praticado, ou porque foi carimbado de superado, não é tão recente, como se pode ver.

Entretanto, independente de a teologia ter ou não ter sido estudada, dever-se-ia insistir que as crianças que aparentam estar inclinadas a se especializarem no campo científico e matemático sejam obrigadas²² a terem algumas lições de disciplinas do campo das ciências humanas, e vice-versa. Também, neste estágio, a gramática latina havendo completado seu trabalho poderá ser posta em segundo plano por aqueles que preferirem continuar seus estudos em idiomas do mundo moderno; enquanto que àqueles que provavelmente não venham a ter uma grande serventia ou aptidão para matemática, também lhes seja permitido, por assim dizer, “dormir sobre os seus louros”.

De modo geral, qualquer conteúdo que se mostre “inchado”, pode agora ser posto em segundo plano, para que a mente passe a ser gradualmente preparada para a especialização naquelas outras “disciplinas”. Assim, quando o *Trivium* tiver sido completado, [a mente] estará perfeitamente bem equipada para cuidar de si mesma. A síntese final do *Trivium* - a apresentação e a defesa pública de uma monografia - deveria ser de alguma forma resgatada; quem sabe na forma de uma espécie de “exame final” durante o último semestre escolar.

O escopo da Retórica também vai depender da idade em que o aluno será “apresentado ao mundo”, se aos dezesseis anos, ou se ele prosseguirá para a universidade. Considerando que, na realidade, a *Retórica* devesse ser abordada mais ou menos aos quatorze anos de idade, um primeiro grupo de alunos estudaria a *Gramática* dos nove até os onze anos; e *Dialética* dos doze aos quatorze anos; assim os seus dois últimos anos na escola seriam devotados à *Retórica*. Nesse caso, ela seria bastante especializada e vocacional, preparando o aluno para o ingresso imediato em alguma carreira prática. O segundo grupo terminaria seu curso em *Dialética* na escola preparatória, e teria aulas de *Retórica* nos primeiros dois anos da escola pública. Aos dezesseis anos, ele estaria pronto para começar com aquelas “matérias” que são propostas para preparar o estudo na universidade: e esta parte da sua educação corresponderia ao *Quadrivium* medieval. Isso equivale a dizer que o aluno regular, cuja educação formal termina aos Dezesseis, terá passado somente pelo *Trivium*; enquanto que os acadêmicos terão ambos, o *Trivium* e o *Quadrivium*.²³

²² Esta sentença certamente chocará alguns educadores e pais, mas o fato é que se nenhum de nós fosse obrigado a nada na escola e na família no período de formação, provavelmente a humanidade já teria se autodestruído, sem ter desfrutado das coisas que mal conhecia.

²³ Tanto o Sistema de Ensino americano, quanto o inglês atuais são formados por: 2-4 anos - pré-escola; 5-10 anos - Escola de Gramática (“Grammar School”); 11-13 anos - Ensino Médio (“Middle School”) e 14-18 anos - equivalente aos nossos cursos preparatórios para o vestibular (“High School”); e o restante para o nível técnico, tecnológico ou Superior.

Em Defesa do Trivium

Seria o *Trivium*, então, uma educação suficiente para a vida? Ensinado de maneira apropriada, eu creio que não só *pode* como *deve ser*. Ao final da Dialética, as crianças provavelmente parecerão estar muito atrasadas em relação aos colegas que foram educados conforme os bons e velhos métodos “modernos”, pelo menos, no que diz respeito ao conhecimento detalhado de disciplinas específicas. Mas depois dos quatorze anos eles deverão ser capazes de superar os outros com facilidade. Não estou defendendo que um aluno, que tenha atingido proficiência completa no *Trivium* seja capaz de prosseguir imediatamente para a universidade, aos dezesseis anos de idade, provando assim estar à altura de seus colegas medievais, cuja precocidade tanto elogiamos no início desta palestra. Isto, com certeza, jogaria às traças todo sistema de escola pública britânico, e desconcertaria em muito as universidades. Isto mudaria muitas coisas como, por exemplo, as competições a remo²⁴ entre Oxford e Cambridge.

Mas não estou aqui para me preocupar com sentimentalismos docentes: preocupo-me apenas com a preparação mais apropriada da mente, para encarar e lidar com o volume vertiginoso de problemas indigestos que o mundo moderno lhe apresenta. Pois as ferramentas [de estudo] da educação são as mesmas para todos e para qualquer disciplina. A pessoa de qualquer idade, que souber manejá-las, se tornará mestre de uma disciplina nova, na metade do tempo e com um quarto do esforço despendido pela pessoa que não tem essas ferramentas sob seu controle. Quem já deu conta de seis matérias, sem lembrar *como* foi que as aprendeu, não terá como facilitar a abordagem de uma sétima. Quem *aprendeu* e se lembra da *arte de aprender* faz com que cada nova matéria, cada novo assunto seja um livro aberto.

Antes de concluir estas sugestões que forçosamente tiveram que ser bastante esquemáticas, preciso explicar o motivo porque julgo necessário, nos dias de hoje, voltar a falar numa disciplina, que tínhamos descartado. A verdade é que passamos os últimos trezentos anos mais ou menos, vivendo do nosso capital educacional acumulado. O mundo pós-renascentista, confuso e aturdido pela profusão de novas “conteúdos” que lhe foram sendo oferecidos, afastou-se da velha *disciplina*²⁵ (que, na

²⁴ A competição de remo parece ter surgido no Rio Tamisa, no início do século XVIII, ganhou um *upgrade* quando foi adotado pelos estudantes de Oxford e Cambridge, considerados “gentlemen” e que mantêm entre si uma rivalidade muito antiga, muitas vezes chamada de OXFORD-CAMBRIDGE, em meados do século XIX. Essa tradição foi assumida por outras universidades importantes como Yale e Harvard e, porque não também mencionarmos a USP (Universidade de São Paulo).

²⁵ A autora é de grande ajuda para o tradutor, com dificuldade para traduzir a palavra “subject”, discutida anteriormente quando, no lugar de “subject”, usa “discipline”. Essa palavra, uma das mais odiosas e difíceis no contexto escolar atual, e provavelmente já

verdade, se tornou algo miseravelmente tedioso e estereotipado em sua aplicação prática), imaginando que daqui para frente pudesse brincar com o seu novo e ampliado *Quadrivium*, feliz da vida, sem ter passado pelo *Trivium*. Mas a tradição escolástica, embora bastante mutilada e distorcida, ainda perdura nas escolas públicas e universidades: Milton, por mais que tenha protestado contra ela, foi formado por ela - o debate sobre Anjos Caídos e a disputa de Abdiel com Satã carregam nelas as marcas das suas respectivas Escolas, e pode, de repente, figurar positivamente como textos indispensáveis aos nossos estudos Dialéticos. Até o século dezenove, o debate a respeito da coisa pública; os livros e as revistas eram liderados ou escritos por pessoas educadas em casas, e treinadas em lugares, onde aquela tradição ainda estava viva na memória e quase que “no sangue”. Tanto, que muitas pessoas de hoje, que se dizem ateias ou agnósticas, no que tange à religião, conduzem suas vidas de acordo com um código de ética Cristão, com raízes tão profundas, que nunca lhes ocorreu, questioná-lo.

Mas ninguém pode viver eternamente de capital acumulado. Por mais sólidas que sejam as raízes de uma tradição, se ela não for nunca regada com água fresca, ela morre, e morre mesmo. Hoje em dia um grande número - talvez a maioria - dos homens e mulheres, formadores de opinião, que escrevem nossos livros e nossos jornais, que conduzem nossas pesquisas, que atuam em nossas peças teatrais e nossos filmes, que nos falam das plataformas e dos púlpitos - sim, e que educam nossos jovens - têm uma lembrança, ainda que vaga, de ter experimentado a *disciplina* no sentido escolástico [original]. É cada vez mais raro ver as crianças trazerem qualquer traço daquela tradição para a sua formação. Dispensamos as ferramentas de estudo da educação - o machado e a cunha, o martelo e a serra, o cinzel e a plaina - que eram tão aplicáveis a todo o tipo de tarefa. Em seu lugar, não nos restou nada mais do que um conjunto de gabaritos complicados, cada qual servindo para uma única prova e nada mais; nem o olho nem a mão recebem qualquer preparação para o uso [dessas ferramentas], de modo que ninguém consegue mais enxergar o trabalho como um todo ou ter a visão da “obra acabada”.

Que proveito há em empilhar tarefa sobre tarefa, prolongando os dias de labuta, se ao final, não se alcança o objetivo principal? Não é

na época da autora, resume toda a proposta, que parece tão inusitada ao leitor moderno e pós-moderno. O que ela propõe não é que os “conteúdos” que temos aí, sejam *substituídos*, mas apenas que as *ferramentas* para lidar com elas sejam oferecidas antes, e quem sabe, também ao longo do estudo, para evitarmos as longas horas de “metodologia de trabalho científico” e outras “metodologias” sejam consideradas o grande salvador da pátria de universidades e corpos docentes cada vez mais horrorizados com o estado de analfabetismo crescente, principalmente em termos dessas ferramentas de estudo, com que os estudantes têm ingressado no ensino superior.

culpa dos professores - eles já trabalham duro demais. A estupidez acumulada por uma civilização que se esqueceu das suas próprias raízes é que os está forçando a escorar o peso de uma estrutura educacional cambaleante, construída sobre a areia. Estão realizando por seus alunos o trabalho que eles próprios deviam fazer por si mesmos. Porque o único e verdadeiro fim da educação é este: ensinar os homens como educar-se por si mesmos; e qualquer forma de instrução que falhe em fazê-lo, será esforço desperdiçado e vão.

Referências

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília.

CARDIM, A. *Novo Webster's: Dicionário Universitário*, 7ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2008.

FERRARI, Márcio. "O pai da Didática moderna", In: *Revista Nova Escola*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/pai-didatica-moderna-423273.shtml>>. Acesso em: 19 set. 2010.

FOLHA DIRIGIDA. "A educação vai Mal", Entrevista com Edília Coelho Garcia. Disponível em: <<http://edsonokubo.blogspot.com/2010/09/educacao-brasileira-vai-mal.html>>. Acesso em: 19 set. 2010

HOUAISS, A (Ed.), CARDIM, Ismael (co-ed). *Dicionário Inglês-Português*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

PNUD, UNESCO, UNICEF e BANCO MUNDIAL. *Declaração Mundial de Educação para Todos*. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10230.htm>. Acesso em: 19.09.2010.

SAYERS, D. L. *The lost tools of learning: paper* apresentado em um curso de férias sobre educação, Oxford, 1947 / by Dorothy L. Sayers. Methuen, London: 1948. Disponível em: <<http://www.gbt.org/text/sayers.html>>. Acesso em: 1 abr. 2010.

SCHAKEL, "Faith and Imagination". Disponível em: <<http://hope.edu/academic/english/schakel/tillwehavefaces/contents.htm>>. Acesso em: 28 mar. 2010.